

A modalidade no discurso acadêmico: uma análise de conclusões de artigos de pesquisa escritos em inglês como L2.

Maria Ester W. Moritz¹ e Adriana Kuerten Dellagnelo²

¹Mestrado em Ciências da Linguagem – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

²Pós-graduação em Inglês – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

nicamoritz@yahoo.com, adrianak@cce.ufsc.br

Resumo. *O discurso acadêmico tem sido constantemente investigado (Ozturk, 2006; Motta-Roth, 1998). Uma das linhas de investigação concentra-se no uso de características específicas como o uso de marcadores de modalidade. A modalidade é um recurso lingüístico característico do discurso acadêmico que pode servir a dois propósitos, a saber, a necessidade da aceitação do escritor pelo leitor de modo a dar crédito ao conhecimento que está sendo proposto, e a necessidade de demonstrar consideração com sua audiência. Consciente dessa dupla função, o presente estudo analisa o uso da modalidade com base na lingüística sistêmico-funcional Hallidayana (1994). O corpus é composto por 12 conclusões de artigos acadêmicos na área de lingüística aplicada escritos em inglês como L2. Os resultados indicam a presença de 281 de orações e 85 marcadores de modalidade, representando uma densidade de 3,30, isto é, um modal é usado em cada 3,30 orações. A alta ocorrência de modais nos textos de conclusão parece indicar que, em geral, os escritores têm a tendência a evitar a assertividade, usando um discurso modalizado/modulado nas suas seções de conclusão de artigos acadêmicos. Dessa forma, os escritores constroem suas identidades de acordo com o discurso que prevalece na academia, demonstrando-se solidários com relação a seus leitores e não assertivos quanto ao conteúdo de seus textos; e, portanto, comprometidos com o status probabilístico da ciência.*

Abstract. *Academic discourse has been constantly investigated (Ozturk, 2006; Motta-Roth, 1998). One line of investigation concentrates on particular features, such as the use of modality. Modality is a linguistic resource that characterizes the academic discourse. The present article analyses the use of modal markers based on the Hallidayan Systemic functional linguistics (1994). The corpus is composed of 12 conclusions of research articles (RAs) in the field of Applied Linguistics written in English as L2. Findings reveal a total of 281 clauses and 85 modal markers, representing a density of 3,30, i.e., one modal is used in each 3,30 clauses. The high occurrence of modals seems to indicate that, in general, writers have a tendency to avoid assertiveness using a modalized/modulated discourse in their conclusions of RAs. As such, writers build their identities in agreement with the discourse that prevails in academic writing, construing themselves as*

solidary writers in respect to their readers, and thus committed to the probabilistic status of science.

Palavras-chave: conclusões; modalidade; Inglês L2

1. Introdução

O artigo de pesquisa (AP) começou a tomar forma com o lançamento do primeiro periódico científico, *The Philosophical Transactions for the Royal Society* (Swales, 1990), que surgiu em 1665. A partir daí, o AP tem recebido grande atenção na academia nas últimas décadas (Holmes, 1988; Swales, 1990; Yang & Allison, 2003). Entretanto, foi apenas a partir da década de 50 que ao artigo de pesquisa começou a ser subdividido em seções, a saber, introdução, método, resultado, discussão e conclusão (Rezende e Hemais, 2004). Uma das linhas de investigação desses artigos de pesquisa concentra-se na organização retórica das suas diferentes seções, incluindo as introduções (Ozturk, 2006; Meurer, 1997; Swales, 1990), resultados (Posteguillo, 1999; Nwogu, 1997) e discussões (Yang & Allison, 2003; Holmes, 1997). Uma outra linha de investigação analisa as características específicas dos artigos de pesquisa, como por exemplo, o uso de atenuadores e da modalidade (Hyland, 2000; Thompson, 2001; Salager-Meyer, 1994). Entretanto, nas duas linhas investigativas, a área de lingüística aplicada ainda permanece pouco explorada. Além disso, a seção de conclusões de artigos de pesquisa permanece ainda menos explorada, criando, dessa forma, um hiato de investigação.

Dada a importância das conclusões de artigos de pesquisa, que, de acordo com Benson (1994), “são as partes mais fracas que os editores recebem. Ainda assim, essa é a parte que os leitores examinam de maneira mais cuidadosa”(p. 9), nós decidimos investigar esse componente do gênero artigo de pesquisa. Para a análise foi utilizada a gramática sistêmico-funcional Hallidayana (1994), concentrando na modalidade como uma dimensão que corresponde à meta-função interpessoal da linguagem, uma vez que é nessa dimensão que as vozes dos interlocutores são situadas, revelando assim, identidades, atitudes e julgamentos e os papéis estabelecidos no curso da interação.

Além disso, devido a algumas dificuldades que encontramos quando entramos na comunidade acadêmica, como estudantes de mestrado em um programa em que deveríamos escrever artigos em inglês, e também considerando o fato de que pesquisadores devem apresentar dificuldades em escrever em inglês de modo a ter seus artigos publicados em revistas internacionais, as conclusões selecionadas são exemplares escritos em inglês por falantes nativos de português.

Dessa forma, o presente trabalho visa investigar 12 conclusões de APs produzidas em inglês como L2 quanto ao uso de marcadores de modalidade. Através da análise da modalidade, características importantes de argumentação e interpretação do discurso acadêmico podem ser reveladas, assim com as formas pelas quais os escritores constituem suas identidades de “provedores científicos” que devem relatar suas descobertas de maneira precisa, não esquecendo a imprecisão da ciência, de um modo solidário e polido, enquanto orquestram os valores, as atitudes e o comprometimento incorporados aos seus textos.

2. Pressupostos teóricos

A teoria usada para abordar a micro-análise das conclusões advém da lingüística sistêmico-funcional (LSF) de Halliday (1994). Essa teoria lingüística oferece grandes benefícios acerca de como a linguagem é usada, apoiada na idéia de que a linguagem funciona como a expressão de significados de acordo com o contexto em que ela está inserida e ela consiste em um sistema de escolhas, cada qual oferecendo ao escritor formas diferentes de expressar o significado pretendido. De acordo com a teoria lingüística multifuncional de Halliday (1994), a linguagem desempenha três significados ou metafunções simultâneos: ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional é materializada pelo sistema da transitividade e representa a nossa experiência e a maneira em que vemos o mundo. A metafunção interpessoal é realizada através dos sistemas de modo e modalidade. É através dessa metafunção interacional e pessoal, que é possível manter e criar relações sociais. A função textual considera a maneira em que uma oração é organizada com relação ao seu contexto e a sua mensagem. Através da análise de textos sob uma perspectiva funcional, é possível acessar, por exemplo, as agendas ‘ocultas’ dos interlocutores e dos textos que eles produzem.

Assim como qualquer tipo de discurso, o discurso acadêmico surge em situações e culturas específicas e é construído de modo a preencher propósitos e funções específicas. Ciente do fato de que quando os escritores se engajam no processo de escrita eles não expressam apenas conteúdo, mas também estabelecem relações com esse conteúdo e com a sua audiência, torna-se primordial investigar os significados interpessoais de modo a compreender melhor essa conexão entre conteúdo e a maneira em que os escritores expressam esse conteúdo.

2.1. Significados interpessoais

Em qualquer interação, escrita ou oral (devido ao escopo desse estudo, a interação escrita será usada como o termo maior para as duas interações), o escritor adota o papel discursivo de dar ou de demandar. Outra distinção das trocas é a de informação e *comodity*¹. Assim, os escritores podem dar ou demandar informação ou produtos e serviços. Quando a informação é dada, ela toma a função discursiva de uma afirmação, enquanto que quando uma informação é demandada ela toma a forma de uma pergunta. A troca de informação é denominada de proposição. No caso de produtos e serviços, quando eles são dados, nós temos uma oferta, enquanto quando esses são demandados, nós temos um comando. A troca de produtos e serviços denomina-se proposta.

Os componentes da estrutura do elemento Modo são o sujeito e o *finite*. O sujeito é expresso por um grupo nominal e o *finite* é expresso por um operador verbal em referência a tempo – isto é, isto foi, isto será – ou a modalidade – isto pode, isto deve. A modalidade representa o ângulo do escritor. Ela é a expressão da sua opinião com relação ao conteúdo das suas proposições, enquanto manifesta as atitudes, os julgamentos e compromisso com a verdade dos significados expressos, assim como a expressão dos papéis estabelecidos pelo escritor com relação aos seus leitores.

Há quatro tipos principais de modalidade: probabilidade; usualidade, obrigação e *readness*, que são divididos em duas categorias principais: modalização e modulação.

¹ A fim de evitar mal entendidos, alguns termos serão mantidos em inglês.

Modalização é o termo usado quando argumentamos sobre a probabilidade ou frequência das proposições. Em termos lingüísticos, a modalização pode ser realizada de três modos: i) por um operador de modo *finite* (que pode ser tanto de valor baixo, médio ou alto); ii) por um adjunto de modo de probabilidade ou usualidade; iii) ou pelos dois juntos. Para a modulação, termo usado para expressar obrigação ou inclinação das propostas, os tipos de significados estabelecidos através desse dispositivo gramatical são os de prescrever (faça isso) ou os de proibir (não faça isso). Ainda assim, há tipos intermediários entre esses dois pólos. Quando a função discursiva é a de um comando, a posição intermediária incorpora graus de obrigação; quando é a de uma oferta, corresponde ao grau de inclinação. A gramática dos significados interpessoais ainda inclui metáforas na expressão da modalidade.

Devido a sua complexidade e importância discursiva, a modalidade tem sido largamente estudada por pesquisadores de diversas áreas. Entretanto, na literatura de Inglês para Fins Acadêmicos, estudos igualmente influentes têm sido conduzidos sob o termo de atenuadores (ou *hedging*). De acordo com Salager-Meyer (1997), os atenuadores são cruciais no discurso acadêmico. De acordo com a autora há pelo menos quatro razões para o uso desse recurso no discurso acadêmico, quais sejam: 1) reduzir o risco de oposição; 2) ser mais preciso; 3) estratégia de polidez e 4) estilo de escrita.

A autora ainda comenta que não é fácil compreender qual a intenção do autor com o uso de atenuadores. Na verdade, a autora afirma que até os escritores muitas vezes não têm ciência acerca da razão pela qual foram levados a usar um determinado atenuador numa certa proposição.

Fairclough (1992), por outro lado, considera a modalidade/os atenuadores como uma característica imposta aos escritores de uma comunidade acadêmica, que são aconselhados a não serem categóricos nas suas afirmações. O autor afirma que a modalidade pode não representar dúvida ou falta de convicção, mas falta de poder.

Apesar da literatura acerca do discurso acadêmico fazer uso do termo *atenuadores* de maneira mais intensa, é opinião dessas pesquisadoras que a teoria de modalidade oferecida por Halliday (1994), é mais transparente e compreensível. Por essa razão, optamos por seguir a literatura acerca da modalidade para abarcar as manifestações de envolvimento mais importantes encontradas no corpus de investigação.

2. Método

O corpus a ser analisado consiste em 12 conclusões de artigos de pesquisa escritos em inglês como L2. Os textos selecionados foram publicados em revistas nacionais na área de lingüística aplicada. As conclusões foram coletas das revistas: Linguagem e Ensino, The Specialist e Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (DELTA).

O critério de seleção das revistas foi, primeiramente, a reputação, isto é, as revistas selecionadas são consideradas de qualidade por membros da comunidade acadêmica. O sistema *Qualis*, desenvolvido pela Capes, foi usado como critério avaliador das revistas. Foram incluídas revistas avaliadas em *Qualis A* ou *B*. Segundo,

também consideramos a disponibilidade dos títulos, e, finalmente, os exemplares coletados foram restritos àqueles que apresentavam uma seção de conclusão/considerações finais explicitamente intitulada.

Com relação aos procedimentos de análise dos dados, como foi mencionado anteriormente, o presente estudo está ancorado na lingüística sistêmico-funcional. A análise textual baseou-se na gramática Hallidayana de 1994 e em Salager-Meyer (1997) e em Hyland (1996). Os textos foram investigados sob uma perspectiva interpessoal, isto é, no sistema lexicogramatical de modo. Dentro do sistema de modo, a análise focou na modalidade de modo que nós pudessemos avaliar a constituição da identidade dos escritores, as relações de poder construídas nos textos e o grau de comprometimento pessoal que esses escritores parecem demonstrar nas suas proposições e propostas. Para a análise dos marcadores de modalidade, os textos foram subdivididos em orações *finite* (*finite clauses*).

Após esse processo, foi verificada a percentagem de orações modalizadas/moduladas, para então, classificar os marcadores de modalidade de acordo com uma taxonomia baseada em Halliday (1994). A taxonomia foi composta por seis categorias que incluem: i) Grupo 1: operadores verbais de probabilidade e/ou usualidade – pode, poderia/*can, may, will, could, might would* etc., ii) Grupo 2: operadores verbais de inclinação e/ou obrigação – deve, não deve, não pode, tem que/*should(not), must, need to(don't), cannot, have to, will*; iii) Grupo 3: verbos passivos e adjetivos de inclinação e/ou obrigação – disposto a, permitir/*willing to, allowed to* iv) Grupo 4: adjuntos modais de probabilidade e/ou usualidade – talvez, provavelmente, certamente, frequentemente, às vezes/*perhaps, probably, often, sometimes, etc.*; v) Grupo 5: metáforas de modalidade – acredito que, sabemos que, parece-nos que/*we believe that, it is apparent that, it seems to be clear that, etc.* e vi) Grupo 6: marcadores de modalidade compostos – certamente não chegariam, sempre poderá/*will certainly, have to, will surely, etc.* O passo final foi a análise da densidade da modalidade. Essa densidade foi calculada através da divisão do número total de orações pelo número total de marcadores de modalidade.

3. Resultados e discussão

O número total de orações *finite* encontradas no corpus foi de 282, compostas por 85 marcadores de modalidade, representando uma densidade de 3,30, o que significa que em cada 3,30 orações, há um marcador de modalidade. Uma possível interpretação para essa alta frequência de modais nos textos escritos em inglês por falantes nativos de português, pode ser devido à ênfase geralmente dada ao uso de modais nos materiais de ensino de inglês como língua estrangeira/segunda língua. Além disso, a língua inglesa fornece aos seus usuários uma grande opção de modais comparado à língua portuguesa. De acordo com Oliveira (1997), aspectos relacionados à modalidade não são abordados nas gramáticas descritivas de língua portuguesa. Esses recursos são apenas incluídos como formas verbais e, além disso, de acordo com a autora, nos manuais de escrita os modais são subestimados.

De uma maneira geral, os autores dos textos não propõem comandos diretos aos seus leitores, um resultado que parece sinalizar uma posição polida em relação aos leitores uma vez que eles não impõem a sua “verdade”. Das 85 ocorrências de orações

modalizadas, apenas 4 são propostas moduladas por duas ocorrências do adjetivo *willing to* e duas ocorrências do operador modal *should*, como no exemplo: *Finally, if we are **willing to** pursue factors that have a binding upon EFL writers' task representation and voice expression, we **should** also turn our attention to cultural issues such as the extent to which Brazilians are actually encouraged to speak and value their own minds.* (T10)². Esse exemplo parece ilustrar o fato que quando os escritores brasileiros estão escrevendo em inglês eles oferecem possibilidades aos seus leitores através do uso da expressão *willing to*, e também dão comandos aos seus leitores através do uso do modal *should*. Nas duas trocas mencionadas acima, e também em todas as outras encontradas no corpus, os escritores incluem-se através do sujeito nós (we), evidenciando uma estratégia polida com seus leitores.

Neste momento, voltaremos nossa atenção para os tipos de marcadores de modalidade que foram usados nas conclusões analisadas. A tabela a seguir apresenta todas as ocorrências de modalidade encontradas no corpus.

Grupo de modais	Inglês como L2		
	Tipo	#	%
Grupo 1	will, would	8	9.41
	can, may, might, could	43	50.58
Total		51	60
Grupo 2	need to, cannot, have to	9	10.58
	should	6	7.05
	did not need to	1	1.17
Total		16	18.82
Grupo 3	willing to	2	2.35
Total		2	2.35
Grupo 4	probably, frequently, usually, often, perhaps	6	7.05
	sometimes	1	1.17
Total		7	8.23
Grupo 5	it would be reasonable to think that, it seems to be clear that, it seems that, in my view	6	7.05
Total		6	7.05

² T2 significa texto número 2.

Grupo 6	will certainly, might have to, will surely	3	3.52
Total		3	3.52

Tabela 1. Distribuição de modais.

Como se pode notar na Tabela 1, os grupos de marcadores de modalidade mais frequentemente usados são os do grupo 1, seguidos pelo grupo 2, grupo 4, grupo 5, grupo 6, e, finalmente, pelo grupo 3. Assim, 60% dos modais encontrados são operadores modais de probabilidade/usualidade e os modais *can*, *may*, *might* e *could* representam em torno de 51% de todo o corpus como no exemplo: *Perhaps, by being encouraged to reflect upon such issues, learners may develop more successful approaches to learning, writing, reading, etc.* (T10). Dessa forma, os modais mais usados nas conclusões investigadas são marcadores de valor baixo, evidenciando um papel menos assertivo e solidário com seus leitores. Os verbos modais *can*, *may*, *might* e *could* presentes no corpus são frequentemente usados para expressar habilidade e/ou possibilidade. No exemplo acima, temos uma referência à capacidade inerente do sujeito de desempenhar uma ação. Nesse excerto, o escritor está levantando a suposição de que os aprendizes, sob certas circunstâncias, estão inclinados a ter a capacidade de desenvolver estratégias de sucesso para abordar as habilidades mencionadas no estudo.

Com relação ao segundo grupo de modais, que representam em torno de 19% das ocorrências do corpus, é interessante lembrar que apenas duas das ocorrências são de fato, de comando. Isso porque, na maioria das ocorrências, alguém está falando sobre o comportamento de uma terceira pessoa, como por exemplo, em (...) *writing instructors should help students develop a (...)*(T10). Essa oração não pode ser considerada um comando por não tratar diretamente da pessoa implicada no comando. A oração é, na verdade, uma troca de informações, o que nos referimos como uma opinião, colorida³ pela atitude de obrigação do escritor.

O terceiro grupo de modais apresentou duas ocorrências no corpus. Um dos exemplos é: *To what extent are we willing to help them build their own opinions about a topic?* (T.10). Nesse exemplo o escritor demanda um serviço do leitor através de uma pergunta em que ele(a) pede a opinião do leitor acerca do quanto nós estamos inclinados a ajudar os alunos no seu desenvolvimento crítico.

O quarto grupo representa em torno de 8% das ocorrências do total. Um adjunto é um constituinte do modo que geralmente se materializa na forma de um grupo adverbial. O exemplo: *The relationship between anaphora and ambiguity, for example, is so close that it is probably impossible to refer to one without using the other; anaphora itself is a type of ambiguity.* (T2), está relacionado à probabilidade, descrevendo o escritor numa tentativa de diminuir a força das proposições pela probabilidade da sua afirmação.

As metáforas do quinto grupo contabilizam em torno de 7% das ocorrências do corpus. As metáforas de modalidade constituem formas de julgamento explícito do escritor com relação ao conteúdo do que está sendo expresso. No exemplo: *Resorting to world knowledge, however, in terms of Natural Language Processing by computers, in*

³ O termo “colorida” é emprestado de Eggins (1994:191)

my view, is just transferring the problem to a higher level of abstraction without solving it. (T2), o escritor deixa explícito que ele expressa a sua opinião, uma estratégia usada por qualquer marcador de modalidade na redução da força da afirmação e/ou como modo de antecipar possíveis críticas.

Houve três ocorrências de marcadores de modalidade compostos, representado pelo grupo 6. O excerto : *In view of the results, other variables, besides learners' efficiency, might have to be taken into consideration, such as, for example, learning style (cf. Gardner (1993, 1995) and Reid (1995)), language learning difficulties and student background (cf. Ehrman, 1996).* (T5), representa o único exemplo de dois operadores de modalidade. Essa combinação parece representar o aumento do poder modalizador que eles exercitam quando usados sozinhos.

5. Conclusão

O presente artigo teve como objetivo investigar a modalidade como uma característica do significado interpessoal em que os escritores parecem interpretar nas suas proposições e propostas, sob a perspectiva da lingüística sistêmico-funcional Hallidayana. As conclusões analisadas apresentaram um número significativo de marcadores de modalidade. Os resultados parecem indicar que, de um modo geral, os escritores, em referência aos seus leitores, não têm a tendência de ocupar o papel de consultores. Os resultados corroboram a opinião de autores (Fairclough, 1992, por exemplo), que afirmam que os escritores acadêmicos devem construir as suas identidades de maneira a projetar uma subjetividade cuidadosa. Ao usar os recursos da modalidade e, portanto, sem alegar uma palavra final acerca de um certo tópico, os escritores apresentam uma postura solidária e polida com relação aos seus leitores.

Ainda alinhada à literatura (Hyland, 1998; Salager-Meyer 1997), os resultados apresentados previamente também indicam que os escritores estão inclinados a evitar a assertividade usando um discurso modalizado/modulado nas suas conclusões. Algumas interpretações podem ser feitas como base nos resultados. Ao atenuar o seu discurso, e dessa forma, sem mostrar compromisso categórico as suas proposições/propostas, os escritores podem ter a intenção de apresentar seus resultados de maneira mais precisa, ou podem querer reduzir o risco de oposição.

Através de análises como essa realizada nesse estudo, podemos beneficiar os cursos de redação acadêmica, em L2, e, conseqüentemente, a fomentar a publicação em periódicos internacionais.

6. Referencias e Citações

- BENSON, M.J.. Writing an academic article: an editor writes. **English Teaching Forum** 32, 6-9. (1994)
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992
- HALLIDAY, M.A K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

- HOLMES, R.. Genre analysis, and the social sciences: an investigation of the structure of research article discussion sections in three disciplines. **English for Specific Purposes**, 16(4), 321-337,1997.
- HYLAND, K.. **Hedging in scientific research articles**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- HYLAND, K. **Disciplinary discourses: Social interactions in academic writing**. Harlow: Longman, 2000.
- MEURER, J. L.. Introdução a artigos acadêmicos de pesquisadores brasileiros: Aspectos de sua textualização. In **Anais do 1º encontro do CELSUL**, Florianópolis: editora da UFSC, p. 758-768, 1997.
- MOTTA-ROTH, D. Uma Análise Transdisciplinar do Gênero Abstract. **Intercâmbio**, n. 7, p. 117-125. 1996.
- NWOGU, K. N.. **Discourse variation in medical texts: schema, theme and cohesion in professional and journalistic accounts**. Monographs in Systemic Linguistics, 2. Nottingham: University of Nottingham, 1990.
- OLIVEIRA, L. P.. **Variação cultural na escrita: contrastes multidimensionis em Inglês e Português**. Tese de doutorado. Pontífca Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1997.
- OZTURK, I. The textual organization of research article introductions in applied linguistics: variability within a single discipline. **English for Specific Purposes**. N. 1, v. 22, n. 26. 2006.
- POSTEGUILLO, S. The schematic structure of computer science research articles. **English for Specific Purposes**, v.18, n 2, p. 139–160. 1999.
- REZENDE, P.A. & HEMAIS, B.. Análise comparativa de artigos científicos na área de saúde. **The ESPECIALIST**, v. 2, n. 25, p.131-152. 2004
- SALAGER-MEYER, F. I think that perhaps you should: A study of hedges in written scientific discourse. In Miller T. (Ed.) **Functional approaches to written texts: Classroom applications (pp105-118)**. Washington: United States Information Agency (English Language Programs), 1997.
http://exchanges.state.gov/education/engteaching/pubs/BR/functionalsec3_8.htm
Acessado em Março 20, 2005.
- SWALES, J. M.. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- THOMPSON, P. **A pedagogically-motivated corpus-based examination of PhD theses: macrostructure, citation practices and uses of modal verbs** Tese de doutorado, University of Reading, UK, 2001.
- YANG, R. & ALLISON, D.. Research articles in applied linguistics: moving from results to conclusions. **English for Specific Purposes**, n. 22, p. 365-385. 2003.

7. Anexos

Conclusões

- T1- HAWARD, H.F.2004. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. *Delta*, **20 (1)**, 97-121.
- T2- TAVARES, M. A. 2004. Então inferidor como marca de constituição de subjetividade e de instanciação de sentidos na entrevista sociolinguística. *Delta*, **20 (1)**, 77-95.
- T3- CANÇADO, M. 2005. Posições argumentais e propriedades semânticas. *Delta*, **21(1)**, 23-56.
- T4- FERREIRA, M. 2005. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos parkatêjê. *Delta*, **21(1)**, 1-21.
- T5- NOVAIS, E. L. 2004. É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário? *Linguagem & Ensino*, **7(1)**, 15-51.
- T6- DALACORTE, M. C. F. (2003). A mudança de turnos na sala de aula de língua inglesa *Linguagem & Ensino*, **6 (1)**, 35-56.
- T7- D'ELY, R. C. S. F.& MOTA, M. B. 2004. A teoria, o livro didático e o professor: uma análise da implementação de tarefas orais em LE. *Linguagem & Ensino*, **7(2)**, 65-98.
- T8- KOCHÉ, V. S. & PAVANI, C. F. 2004. O processo de reescrita na disciplina de Língua Portuguesa Instrumental. *Linguagem & Ensino*, **7 (2)**,141-164.
- T9- KOCHÉL, V. S. 2002. O ensino da dissertação no ensino médio: características, problemas e alternativas de solução. *Linguagem & Ensino*, **5 (2)**, 11-48.
- T10- NUNES, M. B. C. 2001. Um teste de leitura: seu papel no processo de ensino-aprendizagem. *The ESPECIALIST*, **22 (2)**, 103-126.
- T11- SILVA, M. C. 2002. A interface entre ensino e avaliação da leitura. *The ESPECIALIST*, **23 (2)**, 170-193.
- T12- SOUZA, P. N. & BASTOS, L. K. X. 2001. O conhecimento lexical no ensino da leitura em língua estrangeira. *The ESPECIALIST*, **22 (1)**, 175-86.